

Impressões de um leitor de romances

por AUGUSTO ABELAIRA

1

NO fundo o neo-realismo é não sei se o nosso pecado literário se a nossa virtude. Por mais voltas que se dêem, quando em Portugal alguém procura meditar acerca de literatura encontra necessariamente pela frente esse demónio. Digamos talvez sem que isto implique desde já um juízo de valor: mal ou bem, mau ou bom, o neo-realismo tem qualquer coisa que faz dele um tema ideal para pensarmos nos problemas de estética literária. Ele permite-nos «fazer o ponto» das nossas reflexões, das nossas dúvidas, permite-nos tornar mais conscientes as nossas próprias ideias — ainda que estas lhe sejam opostas. Quero dizer: a meditação acerca do neo-realismo na literatura portuguesa, como a meditação acerca de Aristóteles e de Platão na história da filosofia (e estou propositadamente a exagerar) é tarefa de que não se pode prescindir se queremos ver claro. Como a meditação acerca da arte pela arte sugerida pela Presença? De acordo, inteiramente de acordo. Reflectir acerca das teses (muito mais subtis, muito mais ricas do que por vezes se supõe) da arte pela arte é também vital. Vital para nós, neo-realistas.

2

Tudo isto a propósito de quê? A propósito de muitas coisas. Palavras vagas que fui escrevendo, que há muito tempo estou para escrever — que a hesitação de não ser eu um ensaísta, um teórico, de ser apenas um contador de histórias sentimentais (ainda que integradas num mundo que não facilita o amor, nem a dádiva generosa) me tem impedido de escrever. Mas um dia destes Vergílio Ferreira, que talvez se suponha mais longe do neo-realismo do que de facto está (é

uma hipótese!), escritor para quem o neo-realismo é o anjo com o qual luta toda a noite, o anjo que lhe é necessário, a sua boa e má consciência (digamos todos que o neo-realismo é a nossa boa e má consciência) disse, e com extrema lucidez, acerca de dois «continuadores do famigerado neo-realismo»: «Para onde se dirigem? Porque eu não consigo divisar no seu horizonte senão uma problemática mais ou menos aproximada da problemática existencial». Não sei se Vergílio Ferreira ao escrever aquelas linhas já conhecia «O Hóspede de Job» — provavelmente um dos mais belos, mais esteticamente bem conseguidos romances não existenciais escritos em Portugal, um dos melhores livros que melhor ilustram o classicismo (perdoem o palavrão) neo-realista, mas sei que Vergílio Ferreira pode argumentar, que, de certo modo, «O Anjo Ancora-do» é posterior a «O Hóspede de Job» e que será esse o horizonte para onde ele se dirigirá. Não sei, mas deixemos em repouso

(Continua na 19.ª página)



Impressões de um leitor de romances

(Continuação da 17.ª página)

Cardoso Pires (é um dos autores visados como o leitor terá percebido), fiquemos com o problema geral: «...Não consigo divisar no seu horizonte sendo uma problemática mais ou menos aproximada da problemática existencial». Sinto-me apanhado em falso (o outro escritor sou eu, à beira dos quarenta anos, precisamente naquele instante em que sinto que a grande viragem, o caminho implacável para o último terço — estatístico! — da existência se inicia); apanhado em falso. De súbito, penso e escrevo (quantas vezes o pensei, quão poucas o escrevi!): «Porque não? Porque não, Vergílio Ferreira? Mas quem disse que o neo-realismo era incompatível com uma problemática também «mais ou menos» (admirável, justíssima esta subtilidade do «mais ou menos») existencial?»

3

Contador de histórias sentimentais, não me atrevo, não sei escrever um ensaio que desde a primeira à última linha seja de tal modo arquitectado que a determinada frase se suceda necessariamente uma e só uma, imediatamente depois daquela pergunta acho-me diante do vazio (pelo menos provisório), tenho de recorrer a um ponto final. Assim, aí vai esta frase que não surge necessariamente da outra, que implica um salto, uma distração, uma necessidade de tomar fôlego: Que devemos entender por problemática mais ou menos existencial? Aquela em que me sinto numa situação que sendo esta poderia ser outra, aquela em que dramaticamente hesito entre dominar o meu destino e deixar-me levar na corrente, em que sinto a minha pequenez perante o universo e ouso ser (ou ter a ilusão de que sou) livre, aquela em que não ignoro que no fim de tudo, perto ou longe, a morte está à minha espera? Confronto angustiado com o destino (tenha o destino o sentido que tiver, ou até nenhum), é isso que caracteriza, falando muito por alto, a temática mais ou menos existencial?

Admitamos (ao menos provisoriamente e até que haja desmentido) que sim. E perguntemos: «Será isso incompatível com o neo-realismo?». Esta pergunta obriga a um novo parêntese: mas então que é o neo-realismo? Onde estão os seus limites, esses limites que por hipótese — e não digo que a hipótese seja de Vergílio Ferreira — são inconciliáveis com uma problemática mais ou menos aproximada da problemática existencial?

4

Que é o neo-realismo... Uma camisa de forças, um programa pré-estabelecido? Já uma vez escrevi, parafraseando, e embora noutra direcção, uma ideia de António Sérgio acerca do cartesianismo, que havia em Portugal dois neo-realismos, um ideal e outro real. O ideal, (aquele que foi pregado nos primeiros tempos e anterior portanto à maior parte das obras que vieram a chamar-se neo-realistas) tinha certas características que não importa agora aqui discutir, e é algo duvidoso que se tenha verdadeiramente concretizado em mais do que uma ou duas obras. O outro, talvez impuro, não realizava decerto algumas das ambições iniciais. Como sempre acontece, a prática tinha levantado problemas, e a necessidade concreta de escrever romances publicáveis e em que, ao mesmo tempo, o escritor manifestasse a sua própria liberdade, obrigaram os autores a acharem novas e individuais soluções, obrigaram-nos a escapar à teoria prévia; ficaram apenas à disposição de uma teoria posterior, teoria que, valha a verdade, está ainda por estruturar.

Por estruturar, digo, e não tenhamos receio da verdade. De facto, e é natural que assim se-

ja, os teóricos do neo-realismo, os da primeira hora e os actuais, não estão de acordo acerca de tudo quanto representa o neo-realismo e, muitas vezes, mais do que proporem uma teoria fundamentada nas obras, procuram impor-nos aquilo que gostariam que o neo-realismo fosse.

Em todo o caso, talvez se possa dizer que hoje, ao menos, o que caracteriza o neo-realismo (o real, o histórico), como limite mínimo, é a crença (dolorosa ou não, confiante em absoluto ou com assaltos de dúvida) numa certa direcção da história. Limite mínimo, disse eu, mas é evidente que não estou seguro da exactidão do que afirmo; admito as dúvidas e a objecção fundamental de ter caído nos mesmos erros que atribui aos outros teóricos...

Mas então — poderá dizer-se — pelo menos parte do chamado realismo crítico não cairia em Portugal sob a alçada do neo-realismo? Com algumas hesitações, sem medir bem tudo quanto a minha resposta implica, responderei: no momento presente da literatura portuguesa o realismo-crítico também pode ser neo-realismo. Quer dizer: se nem todas as obras do nosso realismo-crítico são neo-realistas (estou a pensar no caso de Urbano Tavares Rodrigues), outras são — no (José G. Ferreira, Carlos de Oliveira, Fernando Namora, Alvaro Feijó, João José Cochofel e muitos mais). Por outras palavras: o neo-realismo português não se identifica com a totalidade de nenhum dos dois realismos de que falava Gorki, situa-se entre eles, ou melhor: cobre uma larga margem fronteira entre o primeiro e o segundo, mas (esteticamente, sendo ideologicamente) com predominio do realismo-crítico (quanto mais não seja por força de um circunstancialismo histórico desfavorável ao segundo). Em resumo: as classificações de Gorki e os desenvolvimentos de Lukacs e outros de pouco nos podem servir se queremos tomar consciência daquilo que nos caracteriza; não nos dão argumentos a nosso favor, nem contra.

5

Não tenho a ilusão de ter sido claro (não seria fácil) e muito menos de ter posto uma pedra no assunto. Que é o neo-realismo? Porque é evidente que depende da definição que dele dermos o sabermos se ele já morreu, se ainda vive, se nunca chegou a nascer, se ainda está para vir ou se é apenas um novo nome para o romantismo, o realismo ou o naturalismo do século XIX. Não só da definição, bem entendido; trata-se também de um problema de gosto bom ou mau (mas qual o critério rigoroso do bom ou mau gosto?). Como não se põe a hipótese da morte física dos autores ou da inexistência material dos livros, é evidente que quando se diz, por exemplo, que o neo-realismo está morto se quer dizer que não presta, que não tem valor artístico. Mas, por

outro lado, como a literatura portuguesa não é tão rica que possa prescindir do concurso de, pelo menos, alguns dos neo-realistas, esses alguns são por vezes considerados bons, mas não neo-realistas — o que não me parece justo.

Uma pergunta: serão os autores neo-realistas, todos eles, esteticamente desprovidos de interesse? Seja! Mas nesse caso não é o neo-realismo que está morto, é a própria literatura portuguesa que morreu. Porque se vários autores não neo-realistas se poderão citar e contribuir para a grandeza da nossa literatura (um Régio, alguns mais), a verdade é que no seu conjunto não vejo que eles sejam esteticamente mais valiosos do que os neo-realistas; a verdade é que o valor de uns é solidário do valor dos outros, mede-se pelo mesmo padrão, e ou todos têm interesse ou nenhuns.

6

Enquanto desenho o algarismo «6» (poderia apenas ter aberto um novo parágrafo) recordo-me de súbito que me sentia apanhado em falso quando escrevi o algarismo «3», que simboliza a metade de 6, como se sabe. E tudo isto escrevo eu para me dar tempo a pensar. Também um pouco para distrair os leitores.

Sim, a afirmação de Vergílio Ferreira tem a virtude de levantar em público um problema que em privado talvez já alguns tenham levantado, de criar até em nós uma certa perplexidade. Respondi atrás: «Porque não? Quem disse que o neo-realismo era incompatível com uma problemática que entre outras coisas também fosse mais ou menos existencial?». Resposta de quem não tem o segredo da verdade — e seria talvez útil ouvir outras opiniões mais «desinteressadas» do que a minha.

Sim, penso que alguns dos tais temas mais ou menos existenciais são vivos. Sinto (sentimos alguns, muitos ou todos) dramaticamente o meu confronto com o destino (com a história?) ou, se quiserem, numa expressão mais modesta e que não traduz exactamente a anterior: sinto (sentimos alguns, muitos ou todos) dramaticamente o meu confronto comigo próprio, já que, apesar de tudo, cada gesto meu não me afecta apenas a mim. E porque havia então o neo-realismo de recusar esse confronto?

Bem vistas as coisas, não haveria já no Hilário da «Casa na Duna» — um livro neo-realista de 1941 — algo de mais ou menos existencial? E em Gomes Ferreira («Senhores: Também meditamos sobre os problemas eternos»)? Duas perguntas mais do que uma resposta. E estoura, de novo repetida: onde estão os limites do neo-realismo portugueses?

Pergunta a que também procuram dar resposta alguns dos jovens críticos (Eduardo do Prado Coelho e Gastão Cruz), que depois de algumas hesitações procuram, por vias que não são decerto as dos mais velhos, um caminho adentro do neo-realismo. Porque, no fundo, as tentativas de definição que nos têm dado e que são antes tentativas de eles próprios verem claro, que representam? Decerto insatisfação pelas definições que nós lhes demos, mas desejo de achar conosco um caminho.

E aí está: afinal, jovens ou velhos, quando procuramos meditar acerca da literatura portuguesa de hoje, sempre nos defrontamos com o neo-realismo, nos medimos com ele, perguntamos o que ele significa, o que nós significamos, o que significa a literatura. Mal ou bem o neo-realismo é hoje o tema central das nossas letras, ele representa a consciência da nossa história literária. Consciência, digo bem. Daqueles que a si próprios se buscam, buscando-o. Daqueles que a si próprios se buscam, opondo-se-lhe.

AUGUSTO ABELAIRA